



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à casa do senhor Chacha de Souza

Ouidah-Benin, 10 de fevereiro de 2006

Obs.: Por problemas na recepção do áudio, não foi possível obter a íntegra da entrevista

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu atribuo à seriedade com que nós administramos a economia brasileira. Desde o começo eu tenho dito para todo mundo que não há milagre em política econômica, há seriedade. Isso vale para a política de um país, vale para as nossas relações pessoais. Você só empresta dinheiro, só investe em alguém em quem você confia, que sabe que tem palavra, que sabe que vai cumprir com as suas obrigações. Nós fizemos isso. Sofremos tempestades, leviandades, às vezes, de pessoas que fazem julgamento precipitado. E nós estamos conscientes de que a política econômica tem consistência e vai permitir que o Brasil se transforme num País em desenvolvimento, num País desenvolvido, num país com ciclo duradouro de crescimento. Isso para mim é uma coisa que já está certa. Obviamente, nós estamos com uma tendência da queda de juros, estamos com a inflação controlada, vamos ter um crescimento exitoso, um crescimento vigoroso este ano. O que nós queremos é que o Brasil cresça durante 15 anos, 20 anos, de forma seguida para que a gente possa fazer a justiça social que a gente tem.

Nós estamos nessa política há quatro anos. Todo mundo sabe o ciclo e o que nós passamos nesses anos todos. Nós estamos num processo de consolidação, nós devemos isso ao povo brasileiro, aos trabalhadores, aos empresários, a todo o governo que trabalhou. Gastamos apenas aquilo que era



necessário gastar. Muitas vezes você é induzido com o discurso fácil de gastar o que você não tem. Eu digo sempre o seguinte: eu aprendi a administrar dinheiro com a minha mulher porque lá em casa, eu estou casado há 31 anos, e a gente nunca gastou mais do que a gente ganha. Não há hipótese de se fazer uma dívida que a gente não possa pagar. E o Brasil tem que ser assim: tem que ser feito, tem que ser mais lento, vai mais lento, mas é uma solução duradoura e definitiva.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, não há. Veja, eu não acredito que quem quer que venha a governar o Brasil nos próximos dez anos faça qualquer loucura com a economia. Não há lugar para aventura fácil. O povo brasileiro é um povo que já cansou de experiências mal-sucedidas. Pessoas que anunciavam milagre num dia e no dia seguinte o povo ficava com o pesadelo e não tinha tido milagre. Não tem facilidade, tem seriedade.

E eu acho que o processo eleitoral não vai mexer com isso. Eu tenho dito já, desde o ano passado, que não haverá nada – nem uma, nem duas, nem três, nem quatro eleições – que me fará mudar a trajetória do que estamos fazendo na economia brasileira, e a seriedade com que estamos governando o Brasil. Nada, não haverá futilidade da parte do governo.

Vamos fazer aquilo que nós temos consciência que é necessário fazer, que podemos fazer, sem criar nenhum prejuízo futuro para os que vierem depois de nós.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu não discuti isso ainda, com ninguém. Eu não discuti com a minha família, não discuti com o meu governo, não discuti com o meu partido.



Não é tempo. O presidente da República foi eleito para governar, o presidente da República tem até o dia 30 de junho, quando é o tempo da convenção oficial, para dizer se quer ou não quer ser candidato.

Agora, eu não tenho pressa, não tenho nenhuma pressa de ver isso, eu tenho que governar. Nós, agora, estamos colhendo aquilo que nós plantamos, ou seja, quando você planta uma semente, muitas vezes você não a vê porque está embaixo da terra. Depois, quando ela cresce, você começa a colher os frutos e isso começa a incomodar as pessoas que não queriam que o Brasil desse certo.

Acontece que nós não estamos governando para os políticos, nós estamos governando para o povo brasileiro. Nós queremos é que os benefícios e as coisas certas que nós criamos possam favorecer os 180 milhões de brasileiros.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: (...) Vocês que acompanham a política nacional têm ouvido dizer, todo santo dia, desde janeiro de 2003, que eu espero no dia 31 de dezembro fazer uma avaliação das coisas que aconteceram no Brasil, porque nós plantamos muitas coisas e elas estão agora brotando, estão nascendo, o povo está colhendo e é para isso que a gente governa o Brasil. A eleição é uma coisa muito circunstancial. Você não pode colocar um projeto de vida de uma Nação em função de uma eleição. A eleição é que tem que estar subordinada a esse projeto de Nação.

Então, eu só queria pedir o seguinte: para as pessoas deixarem a gente governar o Brasil.

Jornalista: Sim, mas para governar ainda depende, digamos, de algumas medidas que foram para o Congresso, que dependem da aprovação do



Congresso, o senhor sabe disso. Algumas que foram como medida provisória ou projeto de lei. O senhor acha que neste ano, alguns dos últimos projetos deste mandato podem ser atrapalhados justamente por resquícios eleitorais, por questões eleitorais?

Presidente: Não acredito. O Congresso Nacional tem sua própria razão de procedimento. Lá dentro é o centro, é a cara da democracia brasileira, onde se dão os grandes debates. Mas vamos ser francos. (inaudível). Até agora o Congresso aprovou tudo o que nós mandamos...

Jornalista: O Orçamento ainda não.

Presidente: Mas vai aprovar, não é a primeira vez. Você está lembrado que quando o Fernando Henrique Cardoso disputou as eleições, no primeiro ano, o seu Orçamento foi aprovado só em março.

Ou seja, não tem nenhum problema. O Congresso, eu tenho certeza absoluta, irá votar tudo aquilo que for importante para o Brasil, até porque os congressistas, mesmo os de oposição, sabem que os projetos não são do Presidente da República, os projetos não são do ministro "A" ou ministro "B", os projetos são coisas de interesse da Nação, o Orçamento é interesse da Nação; o Estatuto, ou a Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas é de interesse da Nação; a medida provisória que nós votamos criando a Super Receita é de interesse da Nação; o salário mínimo é de interesse da Nação.

Então, por que alguém haveria de votar contra? Para prejudicar quem? O presidente? Não, prejudicaria o povo brasileiro...

Jornalista: (inaudível)



Presidente: Veja, primeiro, eu não sou obrigado a ler tudo o que determinadas pessoas falam. Segundo, eu acho que é um problema de que o PT saberá cuidar.